

## **O ECO ENSURDECEDOR DO SILÊNCIO: IMPACTOS DO SEGREDO NA FAMÍLIA<sup>1</sup>**

Raquel Cristina Ribeiro de Oliveira<sup>2</sup>  
Mônica Macedo Vieira<sup>3</sup>

### **RESUMO:**

O presente artigo busca trazer, por meio de uma revisão narrativa, reflexões acerca do segredo e de seus impactos na família. Entende-se que o sujeito é um sujeito do grupo, onde é parte constituída e constituinte, elo e herdeiro de uma cadeia intersubjetiva que o antecede. Nesta perspectiva, conteúdos transmitidos pela família deixarão impressões que conectam as gerações. Dentre estes conteúdos encontram-se os segredos, que embora possam operar como uma condição para se poder pensar, como recurso face a imposição de tudo dizer, muitas vezes atuam como enigmas que ecoam no grupo familiar, enquanto um material ausente de inscrição e representação, passando a transitar como um grito de silêncio que busca ser ouvido, tendo muitas vezes efeitos sintomáticos. Nesse sentido, os estudos psicanalíticos mostram que a elaboração da história pregressa do sujeito é essencial no processo analítico, pois o dito propicia a elaboração das tramas geracionais, através do registro da história na dialética com o outro, possibilitando a emergência de um sujeito através da produção de novos sentidos. Ainda, na perspectiva da prática clínica, o presente estudo discute como a relação transferencial pode se constituir como uma porta para a expedição e ressignificação da história da qual o sujeito faz parte, utilizando o mecanismo da contratransferência como recurso no trabalho com segredos através do exame das próprias reações mentais, uma vez que estes podem produzir ressonâncias no analista, que se identificará com as interdições do pensamento e com as angústias irrepresentáveis atreladas ao segredo.

Palavras-chave: Contratransferência. Segredo. Sintoma. Transmissão Psíquica.

### **THE DEAFENING ECHO OF SILENCE: IMPACTS OF SECRET ON THE FAMILY**

#### **ABSTRACT:**

This article aims to convey through a narrative review a reflection on secrets and its impacts on the family. It is understood that the individual is a subject of the group, where they are a constituted and constituent part, link and heir to an intersubjective chain that precedes them. In this perspective, the psychic content transmitted by the family leave impressions that connect the generations. Among these contents, there are the secrets, which, although they can operate as a condition that enables thinking,

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniAcademia na Linha de Pesquisa Processos Grupais, Instituições e Redes Sociais. Recebido em 10/06/2020 e aprovado, após reformulações, em 10/07/2020.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: raquelribeiro@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Psicanálise/Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e docente do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: moncamacedo60@gmail.com

as a resource regarding the imposition of saying everything, often act as enigmas that echo in the family group, as a material absent from registration and representation, starting to transit like a silent cry that seeks to be heard, often having symptomatic effects. In this sense, psychoanalytical studies show that the elaboration of the subject's past history is essential in the analytical process, as what is said provides the elaboration of generational threads through the register of history in dialectics with the other enabling the emergence of a subject through the production of new meanings. Yet, from the perspective of clinical practice, the present study discusses how the transference relationship can constitute a door for the expedition and redefinition of the history of which the subject is part, using the countertransference mechanism as a resource in working with secrets through the examination of their own mental reactions since these can produce resonances in the analyst, who will relate to the interdictions of thought and the unrepresentable anxieties connected to the secret.

Keywords: Countertransference. Psychic Transmission. Secret. Symptom.

## 1 INTRODUÇÃO

A estrutura familiar varia em muitas dimensões conforme as circunstâncias sociopolíticas, econômicas e religiosas prevalentes em um dado momento de uma determinada cultura, sofrendo diversas transformações ao longo dos séculos e também modificações nos olhares voltados para ela ao longo do tempo. Segundo Roudinesco (2003) pode-se verificar três principais períodos na evolução da família. Em um primeiro momento, o modelo de família nuclear composto por pai, mãe e filhos desempenha, primordialmente, o objetivo de assegurar a transmissão de um patrimônio, onde os casamentos eram arranjados, sem que a vida afetiva e sexual do casal fosse contemplada. Nesse cenário, a célula familiar era sacralizada e se encontrava sustentada por uma autoridade patriarcal. Por volta do século XVI e XVII os progressos da vida privada e da intimidade do lar iam se instalando, fortalecendo o sentimento de família. Em uma segunda fase, entre o final do século XVIII e meados do século XX, a família moderna torna-se o núcleo de uma matriz afetiva, validando a reciprocidade dos sentimentos por intermédio do casamento. Neste período, valoriza-se a divisão do trabalho entre o casal e coloca-se a criança como centro, cabendo aos pais o encargo de educá-la, que ocorria de forma institucionalizada. Roudinesco (2003) expõe que nesse cenário, com a queda da monarquia e o enfraquecimento de Deus pai em 1757, com a irrupção do feminino frente o questionamento do antigo poder patriarcal, produz-se o que denomina de uma feminilização do corpo social. No final do século XIX com as discussões de Freud em "Totem e Tabu" (2006d) o pai, em

seu declínio de figura de soberania, deixa de exercer o domínio da transmissão carnal e psíquica, outorgando-se também à mãe a atribuição desse papel. A partir da década de 60 à medida que o acesso ao prazer e o advento da pílula anticoncepcional trouxeram mais autonomia à mulher, ela foi se individualizando, abrindo mais espaço para o seu desejo, contribuindo para a homologação do declínio da função paterna em prol de uma autoridade parental dividida. Neste período, institui-se a família contemporânea ou pós-moderna que une a partir de uma duração relativa de duas pessoas em busca de relações íntimas. Sofrendo intervenções do movimento higienista, a esfera do privado emerge, enriquecendo a intimidade e as individualidades, tornando-se um espaço de promoção das experiências subjetivas mais significativas (PALADINO, 2005).

A partir do histórico traçado é possível observar que a família enquanto a primeira instituição social na qual o sujeito é inserido, atravessa um processo de transformação em sua história e atualmente vem ganhando novos contornos em seus múltiplos arranjos, se tornando mais visível a pluralidade de configurações familiares que transcendem o modelo mãe-pai-filhos. Zani e Mansano (2017) apresentam que uma instituição social envolve um conjunto amplo de valores, construídos e legitimados no âmbito social. Neste sentido, cada instituição social pode ser compreendida como um universo diferente dos demais, uma vez que possuem permissões, repressões e regras de convivência singulares.

Os diferentes arranjos familiares presentes na contemporaneidade produzem uma dimensão de família que agrega novos valores, sensibilidades e relações. Desta forma, Zani e Mansano (2017) ressaltam que na sociedade contemporânea, a formação de uma família não responde mais a uma tarefa de encaixar membros em papéis estabelecidos dentro de uma configuração nuclear burguesa, mas em engendrar maneiras singulares de viver em um grupo que é alicerçado pelo afeto e pelas experiências que emergem da relação com o meio social. Logo, “[...] do ponto de vista psíquico as famílias são sempre construídas e os filhos sempre adotivos, pois são os laços afetivos que, como todo investimento, vão organizar o significante<sup>4</sup> família” (CECCARELLI, 2007, p. 96).

---

<sup>4</sup> Termo cunhado por Lacan e descrito por Roudinesco e Plon (1998) como o “elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 708).

A família, neste sentido, vem se apresentando como a forma de organização social mais persistente, não obstante as suas diferenças históricas e culturais, enquanto elemento estruturante das relações humanas.

O fato é que não foram criados dispositivos substitutivos eficazes, na presente cultura, para substituir a família em sua função de assegurar a constituição subjetiva de seus filhos e de garantir a eficácia da transmissão dos significantes fundamentais da filiação e da sexualidade, de tal forma que, diante dos entraves, escolhas e impasses, o sujeito<sup>5</sup> possa construir significações e precipitar decisões apostando no desejo<sup>6</sup>. E é esse desejo que os torna, por si mesmos, capazes de fundar laços sociais fora da família (ROSA, 2001, p. 124).

Kaës (2001) aponta que o sujeito é um sujeito do grupo, elo de uma trama intersubjetiva que o antecede. Desta forma, sua constituição é forjada a partir de uma produção intersubjetiva onde “[...] se transmite e se produz matéria psíquica, formações comuns ao sujeito singular e aos conjuntos de que ele é parte constituinte e parte constituída” (KAËS, 2001, p. 12). Assim, para Kaës (2001) o sujeito do inconsciente é, portanto, um sujeito da herança, da qual pode ser servidor ou beneficiário. Se a transmissão do material psíquico ocorre pela via do negativo, daquilo que é ausência de inscrição e representação, o material retido pode produzir esforços psíquicos e reflexos de caráter sintomático, enquanto resposta de um mandato geracional de um material cuja elaboração ficou em suspenso (KAËS, 2001).

Dentre estes conteúdos habitam os segredos, que se constituem como enigmas que ecoam no sistema familiar, interpelando a simbolização do conteúdo velado, produzindo um espaço fantasmático (QUERO, 2008). Neste sentido, o segredo pode ser compreendido como um grito de silêncio que busca ser ouvido, e será escutado, muitas vezes em som de sintoma.

Diante disso, o presente estudo se justifica uma vez que a história do sujeito é arraigada à história familiar, onde cada membro se encontra enredado em uma cadeia geracional, de forma que tudo o que se passa no âmago da família, os atravessará em alguma medida (BERTIN; PASSOS, 2003). Desta forma, as questões que perpetram a família possuem em seu eixo grande dimensão de impacto clínico. Sob

---

<sup>5</sup> O sujeito da psicanálise pode ser compreendido como um sujeito do inconsciente, do desejo, que é marcado e movido pela falta, atravessado pela linguagem e que se constitui através da inserção em uma ordem simbólica que o antecede (TOREZAN; AGUIAR, 2011).

<sup>6</sup> Roudinesco e Plon (1998) descrevem o desejo como o termo empregado pela psicanálise freudiana para designar a propensão e a realização da propensão de um anseio inconsciente.

essa perspectiva, tem-se como objetivo principal discutir os impactos produzidos pelo segredo na família. Assim, levantou-se o seguinte questionamento: Os segredos obstruem o encontro com a narrativa familiar vedando ao sujeito o encontro com o verdadeiro eu? Em vista disso, objetiva-se essencialmente refletir o lugar ocupado pelo segredo na família, levando em conta a teoria do vínculo de Pichon-Rivière e o processo de transmissão psíquica a partir da compreensão de Sigmund Freud e René Kaës, autores pioneiros em suas discussões que possibilitam traçar caminhos às indagações que o tema dos segredos acompanha. Ainda além, no contexto do *setting* terapêutico, buscou-se refletir a possibilidade da contratransferência como uma ferramenta no manejo clínico com segredos, uma vez que seus efeitos podem produzir ressonâncias no analista.

## **2 ENREDOS GERACIONAIS**

Minuchin (1982) traz que podemos compreender o homem como um ser que não é isolado, mas como um membro ativo e reativo de grupos sociais, de forma que o que experencia depende de componentes internos e externos. Nesta dinâmica formam-se os vínculos, constituídos a partir de uma estrutura em contínuo movimento que opera movida por fatores instintivos e por motivações psicológicas onde todo o aparelho psíquico está implicado. Pichon-Rivière (1998), fundador da Teoria dos Vínculos, demarca que não existiriam relações impessoais, sendo o vínculo um vínculo social, pois na relação com o outro reproduz-se os vínculos estabelecidos historicamente no sujeito, constituindo o inconsciente, que abarca uma série de registros de relações com vínculos e papéis que o sujeito desempenha.

Ampliando o debate Cunha *et al.* (2009) esclarecem que em um encontro de pessoas forma-se um campo grupal dinâmico, onde a mensagem de cada membro ressoa de inconsciente para inconsciente, produzindo múltiplas interações afetivas onde o grupo se encontra permeado por projeções de fantasias inconscientes, ansiedades, pactos, contratos e alianças que são compartilhadas. A partir desta rede de comunicação, as relações serão constituídas através de matrizes vinculares, que compreendem as configurações de modelos de vínculos introjetados e que são gravadas por heranças familiares. Desta forma, representações, processos

identificatórios, afetos, ideais, mecanismos defensivos e mitos são transmitidos e sustentam o tipo de qualidade vincular.

Sob essa perspectiva, Kaës (2001) anuncia que o grupo é predecessor ao sujeito, de forma que “[...] a subordinação ao grupo funda-se na inelutável rocha da realidade intersubjetiva como condição de existência do sujeito humano” (KAËS, 2001, p. 130). Magalhães e Féres-Carneiro (2004) discorrem que o espaço psíquico das trocas familiares constitui uma realidade intersubjetiva que busca garantir os vínculos e investimentos narcísicos, promovendo paradoxalmente, separação e individuação. Nessa esfera, é fornecido ao sujeito os interditos fundamentais, formação de ideal e possibilidades de comunicação e representação entre os membros daquela família. Desta forma, a herança constitui uma matéria nobre e produtora de subjetivação, através de um outro que nele investe e inscreve no grupo familiar e social, que o apresenta o mundo externo e habita o mundo interno (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Kaës (2001) esclarece que a pré-história do sujeito carrega renúncias, recalcamientos, materiais brutos e desejos insatisfeitos em seu enredo de forma que “[...] de nossa pré-história tramada antes de nascermos, o inconsciente nos tornará contemporâneos, mas só passaremos a ser seus pensadores pelos efeitos a posteriori” (KAËS, 2001, p. 13). O autor destaca que a transmissão psíquica compreende um mecanismo central no grupo familiar, inscrevendo o sujeito em uma cadeia geracional da qual também compõe e que pode dela beneficiar-se ou passar a ser seu servidor (KAËS, 2001).

Em Totem e Tabu Freud (2006d), o pai da psicanálise, ao discutir uma continuidade da vida mental a partir de uma via psíquica da hereditariedade esclarece:

[...] nenhuma geração pode ocultar, à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um *apparatus* que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos (FREUD, 2006d, p. 165).

Kaës (2001) corrobora com Freud endossando que há um impulso, uma emergência de transmitir, decorrente das exigências pulsionais inconscientes. Entretanto, de forma equivalente, há uma necessidade de interromper uma

transmissão, uma vez que um material retido não pode ser mantido completamente inacessível às próximas gerações, engendrando impressões que continuarão a conectá-las. Neste sentido, o sujeito do grupo se constitui como sujeito do inconsciente através de seu funcionamento intrapsíquico e a partir da premissa de um trabalho psíquico em função de sua ligação intersubjetiva. Piva (2009) acrescenta, a partir da perspectiva de Kaës (2001), que o processo de transmissão constitui um trabalho psíquico para o sujeito e para o grupo, que se desenvolve a partir de um trabalho de ligação e elaboração do material transmitido, por meio da apropriação e transformação do que é herdado. Neste sentido, “[...] a transmissão nunca é passiva: existe sempre um processo ativo. Ela deixa sua marca no sujeito através de complexas operações de reinscrição e transformação que serão sempre únicas, singulares” (PIVA, 2009, p. 77).

Em suma, as vivências familiares são transmitidas por várias gerações. Como apontado por Piva (2009) alguns acontecimentos serão simbolizados, alcançando sua representação e ascendendo o lugar de uma herança histórica, entretanto outros não adquirem essa sofisticação e esta vivência irá se manter como um nó invisível, um fragmento desligado que não teve condições de ser simbolizado, enquanto “[...] um presente, ausente. Presente como perturbação. Ausente como representação [...]” (PIVA, 2009, p. 79), como um itinerante que percorre as gerações, tendo seus vestígios catalisados por algum outro sujeito. Segundo Magalhães e Féres-Carneiro (2004) quando isso ocorre, o ato de transmitir enfraquece as barreiras do Eu e passa a dilacerar os limites dos espaços subjetivos. Neste sentido, reforçam que é imperativa a metabolização do material herdado, pois quando o trabalho psíquico destes conteúdos falha, o sujeito integra esse material, mas não tem condições de articulá-lo na malha identificatória.

### **3 RESSONÂNCIAS DO SEGREDO NA FAMÍLIA**

As concepções acerca do que se entende por segredo tem suas interseções através do macro para o micro contexto, mudando de acordo com a época, a cultura e a política, delineando o que se valoriza ou estigmatiza-se. Com efeito, cada família e cada analista, no contexto do *setting* terapêutico, terá suas próprias significações do que seria secreto e do que seria particular. Comumente, seus conteúdos são

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 108-127, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

alicerçados por temas como o nascimento, a adoção, origem familiar, infertilidade, aborto, doenças físicas e transtornos mentais, sexualidade, incesto, violência, dependências químicas, religião, divórcio, suicídio e morte (IMBER-BLACK, 2002). Sobretudo, cumpre dizer, que o segredo enuncia uma metapalavra:

[...] atravessada por uma inquietante estranheza e estranha familiaridade, cujos elos-associações nos conduzem a paisagens emocionais ambivalentes: mistério, enigma, oculto, sigilo, incógnito, código, senha, chave, encriptado, confidencial, velado, fantasma, intimidade, esconderijo, silêncio (MELÍCIAS, 2015, p. 41).

Reznik e Salem (2010) trazem que o segredo pode ser analisado sob dois prismas à luz da Psicanálise, mas que não se estruturam de forma excludente. Ancorados na perspectiva de Piera Aulagnier (1990) – uma importante psicanalista francesa que se notabilizou especialmente por desenvolver trabalhos relacionados a feminilidade, as perversões, a clínica da psicose e conceber a teoria de um modelo de aparelho psíquico com o conceito de processo originário – Reznik e Salem (2010) apresentam uma das faces do segredo a partir da teoria da autora de que o segredo opera como condição para se pensar. Aulagnier (1990) propõe que o direito de criar pensamentos e a possibilidade de decisão de comunicação destes, ou seja, de pensar secretamente, se constitui como conjuntura essencial para a atividade psíquica e funcionamento do Eu, relacionado a uma conquista infantil de autonomia, liberdade e prazer decorrente da própria atividade de pensar. Reznik e Salem (2010, p. 97) destacam que “[...] o prazer que o sujeito experimenta com a incomunicabilidade de uma área de sua atividade psíquica constitui uma espécie de antídoto face a imposição de tudo dizer”. Aulagnier (1990) chama atenção para o fato de que:

Se não se concedesse o direito de pensar representações fantasísticas, o Eu se veria obrigado a dispender a maior parte de sua energia recalçando<sup>7</sup> fora de seu espaço esses mesmos pensamentos e, fato mais grave, interditando o acesso ao conjunto de temas e termos que se aproximam dele tendo como consequência o perigoso empobrecimento de seu próprio capital ideacional [...] (AULAGNIER, 1990, p. 259).

---

<sup>7</sup> O mecanismo do recalque, proposto por Freud, é constitutivo do núcleo original do inconsciente e tem como objetivo "manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647).

A partir deste referencial Correa (1994) esclarece que alguns segredos irão atuar como protetores da autonomia individual propulsionando prazer, sustentando a liberdade e a privacidade do sujeito. Entretanto, Reznik e Salem (2010) trazem que uma outra face da noção de segredo se delineia a partir da compreensão de que este constituiria como uma das manifestações de um não-dito no seio familiar, que teria o poder de marcar de modo traumático o psiquismo, com efeitos excruciantes e alienantes de cenas que foram interditadas, uma vez que “[...] como se trata de simbólico, o que importa do segredo não é necessariamente o seu conteúdo, mas a interdição de falar” (REHBEIN; CHATELARD, 2013, p. 566).

Rosa (2001) traz que o dito integra a palavra que proporciona a elaboração e faz registrar a história, permitindo compreender como o desejo se estrutura na relação com o outro. Mas salienta que na supressão de dados da história, o que se debate é que não se deve partir do pressuposto de que tudo deva ser dito, pois inclinar-se-ia a uma espécie de confissão. Rosa (2001) faz um adendo de que o amor pela verdade pode ser na realidade devastador, uma vez que nenhum enunciado carrega sobre ele um saber total. Neste sentido, não são os fatos ditos em si, mas os acontecimentos encarados como tramas de sentido, como marcas e ecos de algo que não foi representado ou foi revestido por uma visão definitiva através de identificações alienantes, que impossibilitam ao sujeito a se questionar, obstruindo o vislumbre à verdadeira relação com o mundo interno e externo (MELÍCIAS, 2015).

A enunciação do segredo no grupo familiar enquadra aquilo que está no nível do oculto, do recalcado, que transita dentro da trama vincular inconsciente da família e de suas gerações. Os silêncios encadeados ao segredo tornam-se lacunas na história familiar e carregam o negativo da transmissão que se constrói enquanto transmissão de coisa, de um conteúdo não acessível pela linguagem das palavras (KAËS, 2001). A censura do sofrimento indizível, de traumas da história familiar que acarreta os ocultamentos na transmissão psíquica, tem como função preservar o vínculo intra e intersubjetivo enquanto função continente para lidar com as angústias mais arcaicas, mas quando esse material transmitido é da ordem do irrepresentável, com significantes não elaborados incapazes de compor a cadeia associativa grupal, torna-se impossível ligar a palavra ao afeto, encontrando muitas vezes um lugar de expressão através de vias somáticas (CORREA, 1994).

Magalhães e Féres-Carneiro (2004) explicitam que o processo de subjetivação tem em sua conjectura um investimento narcísico e um enredo identificatório produto de ressonâncias de uma herança geracional metamorfoseada pelas interpenetrações subjetivas forjadas na família. Nesta perspectiva, esse processo demanda uma metabolização da herança e de seus afetos mobilizados em um trabalho psíquico singular com o que o outro transmite. Piva (2009) salienta que quando o que é herdado é apenas sujeito embarca-se no ensejo da compulsão à repetição, algo que se impõe ao sujeito na tentativa de representação. Através de *actings out* responde-se um mandato geracional como forma de trazer para o presente a verdade gravada, escondida e esquecida, elucidam Reznik e Salem (2010).

Freud (2006c) em Recordar, repetir e elaborar postula que “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 2006c, p. 165). Mas propõe que a repetição possibilita dispor do passado como instrumento.

Só esclarecemos a nós mesmos que o estado de enfermidade do paciente não pode cessar com o início de sua análise, e que devemos tratar sua doença não como um acontecimento do passado, mas como uma força atual. Este estado de enfermidade é colocado, fragmento por fragmento, dentro do campo e alcance do tratamento e, enquanto o paciente o experimenta como algo real e contemporâneo, temos de fazer sobre ele nosso trabalho terapêutico, que consiste, em grande parte, em remontá-lo ao passado (FREUD, 2006c, p. 167).

Féres-Carneiro, Lisboa e Magalhães (2011) apontam que a resposta pela via somática opera enquanto conjunção para promover mudanças, para estampar as repetições de histórias ancestrais condensando um legado transmitido ao longo das gerações. Sob essa perspectiva, Melo (2012) argumenta que a elaboração da história pregressa do sujeito é essencial no processo analítico, para que ele encontre em sua estrada familiar um referencial identificatório que potencialize o processo de organização psíquica.

Em vista disso, Magalhães e Féres-Carneiro (2004) sugerem que a relação transferencial pode se constituir como uma porta para uma expedição e resignificação da trama geracional da qual o sujeito faz parte, uma vez que é na transferência que é possível despir a história, escutando as vozes do silêncio ecoar,

identificando o lugar ocupado pelo sujeito no legado da transmissão e resgatando o potencial estruturante de transformação inerente ao ato de transmitir, favorecendo a elaboração da herança familiar através da produção de novos sentidos.

#### **4 O TRABALHO COM SEGREDOS PELA VIA DA CONTRATRANSFERÊNCIA**

Alguns estudos vêm apontando que tão importante quanto o mecanismo da transferência no processo analítico, mostra-se a contratransferência. Freud (2006b) discute a transferência como uma relação emocional especial entre o paciente e o analista, que deriva suas características de atitudes eróticas pregressas e inconscientes do paciente. Ele revela que tanto em sua forma positiva quanto negativa, é acionada como artifício pela resistência, contudo, no processo analítico "[...] transforma-se no mais poderoso instrumento terapêutico e desempenha um papel que dificilmente se pode superestimar na dinâmica do processo de cura" (FREUD, 2006b, p. 258).

Sobretudo, o conceito de contratransferência foi inicialmente delineado por Freud (2006a) em seu texto *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. Nesta obra, ele descreve que a contratransferência "[...] surge como resultado da influência do paciente sobre seus sentimentos inconscientes" (FREUD, 2006a, p. 150) e indica o reconhecimento de seus efeitos, que carecerão de serem dominados e ultrapassados. Freud (2006a) explicita, no que diz respeito a técnica, que o analista avança no processo analítico à medida que seus próprios conteúdos e resistências internas possibilitam, ressaltando a indispensabilidade da autoanálise.

Sob outra perspectiva, psicanalistas como Paula Heimann (1950) e Heinrich Racker (1982) retomaram a discussão sobre a contratransferência e discutiram novas possibilidades para a interpretação deste fenômeno como um recurso de orientação no tratamento.

Heimann (1950) compreende a contratransferência como mais do que puramente a transferência por parte do analista, mas como "[...] todos os sentimentos que o analista sente em relação a seu paciente" (HEIMANN, 1950, p. 81). A suposição básica de sua teoria é que o inconsciente do analista irá captar o inconsciente do paciente. A harmonia provocada nesta dinâmica emerge na tradução de sentimentos que o analista percebe em resposta ao paciente. Neste sentido, Heimann (1950) traz **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 108-127, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

a tese de que a resposta emocional do analista em relação ao paciente compreende uma de suas principais ferramentas para o processo de análise, pois possibilita aprofundar-se no inconsciente do paciente. Nesta conjuntura, a análise do analista, tem como objetivo torná-lo capaz de suportar os sentimentos que lhe são impelidos, subordinando-os ao trabalho analítico, onde opera como o espelho do paciente.

Heimann (1950) disserta que um trabalho realizado sem consulta aos seus próprios sentimentos, gera interpretações superficiais. Ela sugere que o analista trabalhe sincronicamente sua atenção flutuante, ou seja, consiga deixar sua atividade inconsciente em ação escutando o paciente simultaneamente em vários níveis, percebendo os significados manifestos e latentes em seu discurso, e também a partir de uma sensibilidade emocional livre, que acompanhe o movimento emocional do paciente e suas fantasias inconscientes. Sobretudo, ressalta que se seus sentimentos estiverem envoltos de emoções violentas, sejam elas quais forem, e levem o analista não para a contemplação, mas para a ação, ofuscando sua capacidade de explorar os fatos, ele se perderá em seu objetivo. Desta forma, as emoções que emergem no analista serão relevantes se utilizadas como uma fonte de adentrar os conflitos inconscientes e defesas do paciente.

Racker (1982) também foi um dos pioneiros em discutir o processo da contratransferência, inaugurando reflexões acerca desta como “[...] a posição básica do analista diante do paciente” (RACKER, 1982, p. 55), a qual produz identificações do analista ao que é transferido pelo paciente. Neste sentido, propõe que a compreensão do fenômeno da contratransferência merece atenção central pois é por meio dela que o analista é capaz de compreender o que o paciente faz e sente na relação analítica. Assim, para Racker (1982) os fenômenos da transferência e da contratransferência se constroem como dois elementos que se complementam e dão vida, compondo a relação interpessoal essencial da análise.

Na sua perspectiva teórica, a contratransferência pode se apresentar de duas formas, enquanto identificação concordante, que compreende a parte que deriva da identificação do analista com o ego e o id do paciente, baseando-se na introjeção e projeção e no reconhecimento do alheio como próprio, e enquanto identificação complementar, que resulta da identificação do analista com os objetos internos do paciente.

Racker (1982) discute que a contratransferência pode tornar-se um perigo no trabalho do analista, quando desconhecida e não dominada, mas pode também ser utilizada como um instrumento técnico de grande valor, uma vez que se constitui como uma resposta emocional à transferência, auxiliando o analista na interpretação dos conflitos inconscientes do paciente e co-determinando sua atitude. Assim, a captação das fantasias do paciente na contratransferência opera na medida em que o próprio analista observa seus processos contratransferenciais. Racker (1982) salienta que a percepção das reações transferenciais subjacentes o possibilita a tornar-se consciente das vivências manifestadas, dominando-as e interpretando-as ao invés de atuar subordinado inconscientemente por essas reações.

Melo, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) inauguram o debate a partir de seus estudos, da possibilidade de beneficiar-se da contratransferência enquanto recurso no trabalho com segredos de família. As autoras dissertam que na clínica com segredos, considerando os afetos a eles associados e os aspectos geracionais implicados de uma história silenciosamente infiltrada, seus conteúdos podem carregar uma dificuldade de traduzir em palavras as experiências traumáticas que provocam sentimentos de vergonha que deles fazem parte. Com base no aporte teórico proposto por Racker (1982) concernente as identificações emergentes na contratransferência, Melo, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) revelam que no cenário da análise com o tema dos segredos, o analista se identificará com as interdições do pensamento, com as identificações alienantes, com as angústias irrepresentáveis, com o negativo da transmissão. Zimerman (2008) disserta que alguns efeitos contratransferenciais podem traduzir uma forma de comunicação primitiva de sentimentos intensos que o paciente abriga e que não consegue exprimir pela via verbal. Expõe que se o analista for capaz de detectar esse estado de coisas poderá recorrer a seus sentimentos contratransferenciais como uma bússola empática<sup>8</sup>.

Nessa perspectiva, a contratransferência no trabalho com famílias implica um processo atravessado por movimentos inconscientes sincrônicos, a partir de uma composição que envolve o material vivenciado pela família, depositado no analista com o objetivo de serem fantasiadas e representadas e as vivências pessoais do analista (MELO; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014). Melo, Magalhães e

---

<sup>8</sup> Zimerman (2008, p. 147) compreende a empatia como “[...] a capacidade de o analista sentir em si [...] para poder sentir dentro do outro, por meio de adequadas identificações, projetivas e introjetivas”.  
**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 108-127, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

Féres-Carneiro (2014) ressaltam que a inibição ou a incitação de afetos provocados dependem do material depositado pela família e da organização psíquica do analista dispostas durante a sessão. Neste sentido, o fenômeno contratransferencial se manifesta de maneira singular, de forma que cada transferência é específica e variável com cada paciente, dependendo das condições de cada situação analítica (ZIMERMAN, 2008).

Em vista disso, Melo, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) reiteram que durante o processo de análise envolta pela presença de segredos, os impactos desse material no paciente provocam ressonâncias no analista capazes de produzir variadas fantasias, sensações e pensamentos como sensações de perda de vitalidade, constrangimento, dificuldade na elaboração de ligações ou pode-se ceder a uma curiosidade investigatória. No fenômeno causado pela curiosidade investigatória, Eiguer (1995) descreve que na busca de saber, o trabalho do analista é interposto por pulsões voyeuristas sem erotização, que se não forem satisfeitas, se convertem em uma curiosidade nociva. Quando isso ocorre, o analista obstinadamente procurará por pistas nos silêncios e insinuações que pairam no ar ou em personagens da família, na esperança de encontrar um fantasma, um objeto de luto sem representação, sem calcular seus efeitos, podendo levar a uma revelação precoce dos segredos.

Melo, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) endossam que se o analista não estiver vigilante às reações contratransferenciais emergentes no processo analítico, correrá o risco de ser capturado pelas atuações e alianças inconscientes da família, abandonando o essencial do tratamento. Melo (2012) expõe que em algumas famílias o segredo não se constitui como um elemento de sua trajetória geracional, mas como peça fundamental para a manutenção dos vínculos daquele grupo. Neste sentido, tece que diversos estudos apontam que é preciso respeitar os recursos subjetivos do paciente e da família para entrar em contato com esse material sem o risco de desintegração psíquica.

Desta forma, alguns materiais podem tocar o analista de modo mais intenso, quando certos conteúdos do paciente ou da família se aproximam ou se afastam muito de aspectos do analista, como traumas, perdas ou mitos, podendo engendrar uma sobreposição de elementos da história familiar do paciente à história familiar do analista. Sandler, Dare e Holder (1976) já discutiam que considerar a ampliação da compreensão do fenômeno da contratransferência sobre as respostas emocionais do

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 108-127, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

analista em relação ao paciente que não se apresentam como pontos cegos ou resistências, constituem úteis ferramentas que possibilitam obter uma maior compreensão, a partir do exame de suas próprias reações mentais, do significado das comunicações do paciente. Entretanto, esclarecem que a contratransferência pode criar obstáculos ou uma condução inadequada à análise se o analista deixar de tomar consciência de aspectos contratransferenciais emergentes no processo ou falhar em ultrapassá-las. Quando o analista se conscientiza e elabora os conteúdos vivenciados contratransferencialmente, ele cria a possibilidade de ressituar-se em relação ao paciente e a família e às dinâmicas formadas durante o processo analítico (MELO; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Tendo em vista esse debate Melo, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) declaram que experimentar as vicissitudes da contratransferência se apresenta como um dos trabalhos mais árduos e essenciais do analista. Os segredos, nesse processo, envolvem tramas complexas, que se presentificam a partir de comunicações não-verbais, que requerem do analista escuta minuciosa, recursos técnicos e condições internas para suportar e oferecer continência.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se congregar ao longo deste estudo os impactos do segredo na família, abarcando discussões acerca do processo da transmissão psíquica, uma importante engrenagem na esfera familiar. A família tem em seu cerne a transmissão da herança psíquica como fundadora dos membros e do conjunto grupal, como trilha de perpetuação da identidade deste grupo. Se constitui como transmissora da ancestralidade, tendo em seu substrato a formação da subjetividade forjada na intersubjetividade.

Dentro deste enredo geracional, os segredos irão operar como vozes do silêncio, que insistentemente são mobilizados através das gerações, podendo desencadear dilacerações subjetivas. O segredo compõe a trama familiar como um fragmento da história enquanto algo inarrável, que conduz significações cristalizadas de um conteúdo encriptado, reverberando no espaço psíquico compartilhado do grupo familiar de forma onipresente conteúdos interditados em busca de inscrição. Como observado, no que tange ao segredo, seus efeitos não giram em torno de seu

conteúdo, mas da interdição instaurada que entrava o alcance da apropriação elementos que dizem da própria história.

Os segredos carregam o negativo da transmissão, dizem de um material não-estruturante produtor de repercussões somáticas. Neste sentido, impede a emergência do essencial da transmissão, ou seja, seu potencial estruturante enquanto produtora de subjetivação e não de assujeitamento. Na malha subjetivante da transmissão psíquica, é agregada a marca ímpar no entrelaçamento geracional, na mesma medida em que se recebe as inscrições ancestrais. O processo da constituição subjetiva é erigida na sincrônica do que é herdado e transformado, de forma ativa e insólita, fazendo da herança transmitida algo simbolizado e seu.

A partir das discussões supracitadas neste estudo, entende-se que o processo analítico viabiliza a busca de caminhos para a compreensão das especificidades e entraves que integram os segredos e o processo da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação, na tentativa de devolver ao sujeito a possibilidade de encontrar-se na trama intersubjetiva da história familiar, a fim de erigir uma narrativa sobre o segredo e o material interdito, de forma a ressignificar e dar sentido às vivências transmitidas, compondo os fios da subjetividade ancorada à identidade familiar. Entretanto, cabe ressaltar que o trabalho terapêutico não deve focar na revelação do material secretado, como um movimento de confissão daquilo que é mantido oculto, pois é indispensável na experiência analítica preservar o direito da deliberação da comunicação de pensamentos, mas em superar barreiras e lacunas, potencializando e nutrindo o processo de organização psíquica e da produção de subjetividade no encontro de histórias em uma recriação de si próprio.

Neste sentido, a contratransferência mostrou-se como um possível instrumento para o manejo clínico com segredos de família, uma vez que os efeitos produzidos pelo material interdito é reatualizado na contratransferência e pode gerar ressonâncias no analista, se tornando uma alavanca à ressignificação da trama geracional da qual o sujeito faz parte. Observou-se, consoante com os estudos trazidos, que embora o tema dos segredos na família se constitua como uma questão recorrente na clínica, não existem muitas discussões sobre as ferramentas possíveis para o manejo clínico com estes, que se apresentam como um tópico complexo e abrangente. Tendo em vista essa possibilidade de trabalho no processo analítico, os estudos sobre a contratransferência no trabalho com segredos se mostram muito

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 108-127, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

relevantes para a clínica atual, pois apresentam caminhos que discutem novas formas de pensar recursos clínicos a partir de afetos mobilizados no *setting* terapêutico.

## REFERÊNCIAS

AULAGNIER, Piera. O direito ao segredo: condição para poder pensar. In: AULAGNIER, Piera. **Um intérprete em busca de sentido – I**. São Paulo: Escuta, 1990. p. 257- 279.

BERTIN, Ivone Placoná; PASSOS, Maria Consuêlo. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções Psicanalítica e Sistêmica. **Interações**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 65-79, jan./jun. 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072003000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100004). Acesso em: 01 nov. 2019.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **J. Psicanal.**, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 89-102, jun. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 out. 2019.

CORREA, Olga B. Ruiz. Segredos de família. In: RAMOS, Magdalena. (Org). **Casal e família como paciente**. São Paulo: Escuta, 1994. p. 52-68.

CUNHA, Ana Margarida Tischler Rodrigues da *et al.* A psicanálise das configurações vinculares e a terapia familiar. In: OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascual do (Orgs.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 119-138.

EIGUER, Alberto. **O parentesco fantasmático**: transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; LISBOA, Aline Vilhena; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 102-113, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 abr. 2020.

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. p. 143-156. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XI).

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. p. 244-270. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIII).

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. p. 161-174. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII).

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. p. 13-174. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, v. XIII).

HEIMANN, Paula. On countertransference. **International Journal of Psycho-Analysis**. v. 31, p. 81-84, 1950. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/91536159/Sobre-a-contratransferencia-Heimann>. Acesso em: 25 maio 2020.

IMBER-BLACK, Evan. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

KAËS, René. O sujeito da herança. In: KAËS, René et al. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 9-25.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p. 24-32. Disponível em: [http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook\\_familia\\_e\\_casal.pdf](http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook_familia_e_casal.pdf). Acesso em: 14 maio 2020.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Transmissão psíquico geracional na contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 16, p. 243-255, dez. 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/211>. Acesso em: 12 maio 2020.

MELÍCIAS, Ana Belchior. História de um segredo: vicissitudes de uma metamorfose. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 38, n. 60, p. 41-57, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062015000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062015000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 abr. 2020.

MELO, Cidiane Vaz. **Contratransferência e segredos de família: o terapeuta entre o manifesto e o latente**. 2012, 84 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=29089@1>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MELO, Cidiane Vaz; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Segredos de família: a contratransferência como recurso terapêutico. **Estilos clín.**, São Paulo, v. 19, n. 1, jan./abr. 2014, p. 163-182. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282014000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000100011). Acesso em: 25 maio 2020.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

PALADINO, Erane. Conflito de gerações na sociedade atual. In: PALADINO, Erane. **O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 103-131.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIVA, Ângela. A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. **Revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n. 7, p. 74-85, Jan/Fev/Mar, 2009. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo207.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

QUERO, Isabela Ana de Freitas. **Não-ditos: a influência dos segredos familiares na formação dos sintomas**. 2008. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18603/2/Isabela%20Ana%20de%20Freitas%20Quero.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.

RACKER, Heinrich. **Estudos sobre a técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

REHBEIN, Mauro Pioli; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 563-583, dez. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922013000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000300010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 abr. 2020.

REZNIK, Denise Duek; SALEM, Pedro. Duas faces da noção de segredo em psicanálise. **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, ano 32, n. 23, p. 93-105, 2010. Disponível em: [http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23\\_pdf/13-DUAS%20FACES%20DA%20NOCAO\\_DENISE%20DUEK\\_PEDRO%20SALEM.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23_pdf/13-DUAS%20FACES%20DA%20NOCAO_DENISE%20DUEK_PEDRO%20SALEM.pdf). Acesso em: 15 nov. 2019.

ROSA, Miriam Debieux. O não-dito familiar e a transmissão da história. **Psychê**. São Paulo, v. 5, n. 8, p. 123-137, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30700809.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 2 , n. 3, p. 108-127, jan./jun. 2020 – ISSN 2674-9483**

Janeiro: Zahar, 1998.

SANDLER, Joseph; DARE, Christopher; HOLDER, Alex. A contratransferência. In: SANDLER, Joseph; DARE, Christopher; HOLDER, Alex. **O paciente e o analista: fundamentos do processo analítico**. Rio de Janeiro, Imago. 1976. p. 55-63.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 31 maio 2020.

ZANI, Marina Rocha; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Transformações institucionais: um estudo sobre os novos arranjos familiares. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 38, n. 1, p. 21-33, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/26598>. Acesso em: 12 out. 2019.

ZIMERMAN, David Epelbaum. Contratransferência. In: ZIMERMAN, David Epelbaum. **Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 141-154.